

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

JOSÉ AIRTON PEREIRA LEITE



**CAMINHOS FORMATIVOS DAS NARRADORAS DE
HISTÓRIAS: TECENDO OS FIOS JUNTO COM AS TRÊS
FIANDEIRAS**

São Luís

2024

JOSÉ AIRTON PEREIRA LEITE

**CAMINHOS FORMATIVOS DAS NARRADORAS DE HISTÓRIAS:
TECENDO OS FIOS JUNTO COM AS TRÊS FIANDEIRAS**

Artigo Científico apresentado como trabalho de conclusão do
Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do
Maranhão.

Orientador (a): Professora M.^a Nicolle Silva Machado

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Leite, José Airton Pereira.

Caminhos formativos das narradoras de histórias: tecendo os
fios com as três fiandeiras / José Airton Pereira

Leite. - 2024.

23 p.

Orientador(a): Nicolle Silva Machado.

Curso de Teatro, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Contação. 2. Narração de Histórias. 3. Oralidade.
4. Formação. 5. Teatro. I. Machado, Nicolle Silva. II.
Título.

CAMINHOS FORMATIVOS DAS NARRADORAS DE HISTÓRIAS: TECENDO OS FIOS JUNTO COM AS FIANDEIRAS

TRAINING PATHS OF STORYTELLERS: WEAVING THE THREADS WITH THE SPINNERS

José Airton Pereira Leite¹

Nicolle Silva Machado²

RESUMO

Este estudo tem como sujeitos da pesquisa três atrizes narradoras de histórias, que integram o Grupo Xama Teatro em São Luís – MA, e suas vivências na arte da narração de histórias. A partir das narrativas de seus processos formativos, coletadas por meio de entrevista, busca-se identificar e compreender alguns saberes que perpassam esta prática nos dias de hoje na consciência de que esses saberes atravessam e foram atravessados por outros tempos e lugares. A partir dos relatos das narradoras, este artigo traça a importância da narração de histórias e suas tessituras, considerando-a como prática social, cultural e educativa. Neste artigo apresentamos algumas reflexões sobre prática artística e oralidade, entrelaçando as narrativas das atrizes do Grupo Xama Teatro e alguns aportes teóricos tais como, Benjamin (1994), Matias (2010), Vasconcelos(2016), entre outros que têm nos orientado nesse diálogo.

Palavras-chave: contação, narração de histórias, oralidade, formação, teatro.

ABSTRACT

This study has as research subjects three storytelling actresses, who are part of the Xama Theater Group in São Luís - MA, and their experiences in the art of storytelling. Based on the narratives of their formative processes, collected through interviews, we seek to identify and understand some knowledge that permeates this practice today, in the awareness that this knowledge permeates and has been permeated by other times and places. Based on the narrators' accounts, this article outlines the importance of storytelling and its weaves, considering it as a social, cultural and educational practice. In this article, we present some reflections on artistic practice and orality, intertwining the narratives of the actresses of the Xama Theater Group and some theoretical contributions such as Benjamin (1994), Matias (2010), Vasconcelos (2016), among others that have guided us in this dialogue.

¹ Licenciando em Teatro pela (Universidade Federal do Maranhão); e-mail: jose.airton@discente.ufma.br.

² Prof.^a. M.^a. Orientador do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão; e-mail: nicolle.machado@ufma.br.

Keywords: storytelling, storytelling, orality, training, education

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema narração de histórias se deu ao cursar a disciplina optativa **Narrações de Histórias**, ministrada pela professora, atriz e pesquisadora no Grupo Xama Teatro, **Gisele Vasconcelos**³, no decorrer da prática desenvolvida na disciplina percebi a potência que tem a narração dentro do teatro. Na vivência desses momentos formativos no Curso de Artes Cênicas na Universidade Federal do Maranhão – UFMA surgiu o desejo de desenvolver uma pesquisa que investigasse como acontece a formação do(a) narrador(a) de histórias dentro da atuação teatral, artista esse que conta e representa histórias variadas, além disso, tentar desvelar a relação entre a narração de histórias e o teatro, bem como destacar a importância da narração para a cultura e educação.

A convite da professora a turma assistiu ao espetáculo “**As Três Fiandeiras**”, do grupo Xama Teatro, na qual a mesma interpretava a personagem Chica, e foi durante essa apresentação que comecei a observar mais atentamente os traços de narradores de histórias presentes especialmente nas atrizes que interpretam as Fiandeiras, personagens do espetáculo.

O **grupo Xama Teatro**⁴ possui um repertório bastante reconhecido, tendo participado de diversos editais pelo Brasil, e contemplado em alguns dos mais importantes de artes cênicas do país, dentre eles: **SESC, ITAÚ, PETROBRÁS, BASA, FUNARTE, PALMARES**, entre outros. Atualmente o grupo tem como componentes, os seguintes artistas: Gisele Vasconcelos, Renata Figueiredo, Maria Ethel, Lauande Aires, Igor Nascimento, Cris Campos, Rosa Ewerton, Gustavo Correia, Nicolle Machado, Nádia Ethel, Renato Guterres. Além disso, já esteve em cartaz com as seguintes peças: *A carroça é nossa* (2005); *A Besta Fera* (2008); *As Três Fiandeiras* (2015); *Das águas* (2017); *Cale-se* (2018); *A Mariposa* (2019); *A vagabunda – revista de uma mulher só* (2021).

Esse artigo portanto tem por objetivo compreender como aconteceu a formação das atrizes Gisele Vasconcelos, Renata Figueiredo e Rosa Ewerton como narradoras de histórias.

³ Professora do Departamento de Artes Cênicas da UFMA, graduada em Artes Cênicas (2000), mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (2007). É doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes, da USP com pós-doutorado na UNIRIO. É atriz-pesquisadora do Grupo Xama Teatro e líder do grupo de pesquisa Pedagogias Teatrais e Ação Cultural, do Cnpq. Atua na área das Artes/Teatro com pesquisa em educação, narração de histórias, atuação cênica e em gestão cultural.

⁴ Criado em 2002, o grupo Xama Teatro, coordenado por atrizes maranhenses, já circulou por todos os estados do Brasil sendo premiado nos principais editais culturais do país.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: iniciamos trazendo um breve histórico sobre o surgimento da arte de narrar histórias, em seguida passamos a discorrer sobre como a narração adentrou os palcos e de que modo esse cruzamento é importante para a perpetuação do ato de narrar histórias. Abordaremos também quais os caminhos do narrador de histórias dentro da história.

Realizamos análises das respostas da entrevista aplicada junto as atrizes escolhidas para participarem da pesquisa, a entrevista foi composta por quatro perguntas que buscavam elucidar questões como: formação das atrizes como narradoras de histórias, formas de atuação das mesmas no teatro e como elas realizam a escolha de seus repertórios de narração. Abordarei ainda nesse momento que contribuições as atrizes tem dado para a formação de outros narradores de histórias e o que abordam nas aulas e oficinas que ministram, quais metodologias utilizam, além de quais características as mesmas consideram essenciais para que o ator/atriz possa ser considerado um(a) narrador(a). Desse modo, buscamos compreender o modo como as referidas atrizes se construíram e se constituíram na arte de narrar histórias. Em seguida me debruço sobre os campos de atuação e influência do narrador de histórias e como isso está ligado as experiências de vida e memória de cada um(a), e o que é semeado por onde passam.

A metodologia adotada na escrita deste trabalho foi a pesquisa qualitativa, com práticas técnicas de observação e entrevista com perguntas diretas. Para a coleta de dados, optei por utilizar as respostas da entrevista que contemplassem as questões de interesse para compreensão do tema, ou seja, entender como aconteceu seus processos formativos para atuarem nessa perspectiva em sua prática teatral, baseado no aporte teórico desta pesquisa.

Por fim, passo às considerações sobre esse universo e as contribuições da oralidade para a valorização das histórias populares, e a potencialidade da narração de histórias, especialmente para a educação.

2 O SURGIMENTO DA NARRAÇÃO – O DESENNOLAR DOS FIOS

Desde os primórdios da humanidade, contar e ouvir histórias são duas faces da mesma moeda de valor inestimável, possibilita o resgate e a preservação da memória, o compartilhamento do conhecimento, da cultura e da arte.

Inicialmente, as histórias fundamentavam-se exclusivamente nas narrativas orais. Ao longo do tempo, as histórias eram narradas em forma de conversas, um tipo de passatempo entre membros da família e amigos, em suas casas ou nas comunidades, que se constituía em um instrumento usado para passar informações através do tempo.

Narrar histórias se constitui em uma técnica que nos remete a figura ancestral, que ao redor do fogo, ou ao pé da cama, narrava histórias para quem quisesse ouvir, contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade.

Machado (2004,p.15) lembra que:

Os contos milenares são guardiães de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetos de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas,enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores doque no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (...) A escuta e a leitura de contos tradicionais podem nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo possibilidades para que as questões estejam enraizadas no sentido de perguntar.

Figura 1 – Gisele Vasconcelos em cena de As Três



Fiandeiras

Fonte: Nicolle Machado,2024. Belém (PA)

Desde tempos imemoriais, a humanidade tem se utilizado da arte da narração como um meio fundamental para transmitir conhecimentos, valores e tradições de geração em geração, principalmente por meio da oralidade. Os narradores de histórias populares têm desempenhado um papel crucial nesse processo ao longo do tempo, utilizando a oralidade não apenas para entreter, mas também para educar e preservar a própria cultura. Através de técnicas narrativas enraizadas na tradição oral, esses narradores transformam histórias simples em veículos poderosos de identidade cultural e social.

Reafirmando isso Matias (2010,p.72) nos diz que,

A prática de contar histórias é ancestral; pode-se dizer que coincide com o próprio desenvolvimento da linguagem oral e que a partir de então adquiriu especificidades de acordo com a cultura e o momento histórico. Integrante de rituais pagãos primitivos, propagadora da mitologia greco-romana aos povos antigos, divulgadora dos valores da igreja católica na Idade Média, disseminadora de tradições para povos do oriente, para indígenas e para diferentes tribos africanas ao longo de gerações; lista-se uma pequena amostragem de sua presença.

Faz-se necessário contextualizar que sempre existiram narradores de histórias, os quais narravam seus próprios conhecimentos e vivências, conhecimentos estes que eram aprendidos na oralidade, sendo portanto o ato de narrar anterior à escrita. O homem pré-histórico narrava seu dia-a-dia, o que ficou registrado por meio das inscrições rupestres, ato que tem contribuído para preservação da memória, para compartilhar a cultura, promover o entretenimento, divulgar os conhecimentos, etc.

Walter Benjamin (1994) nos diz que a fala possibilita a percepção de um mundo, mundo este que está em nós e com o qual nos identificamos; continua, sua reflexão, sobre a fala, e amplia sua importância demonstrando, ela amplia nossa percepção do real, revelando uma insuspeitada faceta, que, ao se mostrar, incorpora-se a nós, alargando nossa compreensão. Assim, exteriorizada em forma de conselho, torna-se exemplo.

A linguagem é o que torna o homem um ser social, histórico e cultural, ela constitui-se em um valioso instrumento que media as relações sociais dos seres humanos com o ambiente em que vive.

Ao ouvir histórias, esse sujeito é tocado pelo desejo de conhecer mais sobre o que ouviu. Assim, essas pessoas que contavam histórias durante suas atividades diárias, também são estimuladas a experienciar o mundo pelo que ouvem de outros embaixo de árvores, nas cozinhas, durante os momentos de alimentação e preparo das refeições, em volta delareiras, fogueiras, assim como as crianças são estimuladas a sonhar antes de dormir pelos contos de ninar, as histórias eram contadas em diversas ocasiões e em vários locais, ou seja, existem muitas possibilidades para se ouvir uma história.

A oralidade, enquanto um módulo intrínseco da tradição cultural, desvela-se como um mecanismo ressonante de transmissão de conhecimento e identidade coletiva. Este substrato cultural, enraizado na fluência narrativa e na dicção peculiar de cada povo, serve não apenas como um testemunho vívido do passado, mas também como um espelho reflexivo das transformações sociais e históricas ao longo do tempo. Assim, a oralidade configura-se não somente como um veículo de preservação da memória cultural, mas também como um elo unificador que vincula as gerações passadas, presentes e futuras através da ressonância das narrativas compartilhadas.

Para Bâ (2010, p.169)

A tradição oral baseia - se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo. Para situa - lá melhor no contexto global, antes de estudá-la em seus vários aspectos devemos, portanto, retomar ao próprio mistério da criação do homem e da instauração primordial da Palavra: o mistério tal como ela o revela e do qual emana.

Narradores de histórias populares desempenham um papel vital nas sociedades tradicionais, atuando como guardiões de mitos, lendas, fábulas e histórias do cotidiano. Em culturas ao redor do mundo, desde tribos africanas até comunidades indígenas e povos nativos, os narradores populares utilizam a arte da palavra falada para transmitir valores, conhecimentos históricos e fortalecer laços de comunidade. A habilidade de contar uma história não se limita apenas à narrativa em si, mas também envolve gestos, entonações vocais e uma conexão profunda com a audiência.

Bâ (2010, p.184), destaca que:

Na África, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História das Terras e das Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopeia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante.

Atualmente grande parte da população faz uso das redes sociais, a sociedade vem passando por inúmeras transformações sociais, o que tem feito com que alguns narradores optem por se adaptar à nova realidade, fazendo uso das plataformas como aliadas afim de darem continuidade ao seu ofício.

3 CAMINHOS QUE SE CRUZAM: TEATRO E NARRAÇÃO

Ao observar o valor da oralidade na preservação cultural, não podemos ignorar o papel crítico das manifestações artísticas, estas não apenas celebram a diversidade das tradições narrativas, mas também funcionam como espaços de encontro entre o passado e o presente, entre a memória ancestral e as realidades contemporâneas. A fusão entre teatro e narração, portanto, não representa apenas uma colaboração entre disciplinas artísticas, mas sim um diálogo incessante entre tradição e inovação, entre a sabedoria dos antigos e a criatividade dos modernos.

Todavia, o que inicialmente era uma prática exclusivamente oral encontrou novos caminhos e possibilidades ao migrar para os palcos teatrais. A transição dessas histórias do âmbito privado para o público é permeada por adaptações que valorizam não apenas o conteúdo original, mas também o impacto emocional e a conexão com o público contemporâneo. Esse processo complexo de adaptação para os palcos envolve não apenas a habilidade de narrar, mas também a capacidade de recriar visualmente os cenários, os personagens e os conflitos que caracterizam essas narrativas, garantindo assim sua relevância contínua na representação teatral.

A transição da intimidade da narrativa oral para a magnitude do espetáculo levanta questões sobre como histórias simples adquirem novos formatos e impactam quando apresentadas ao público de uma forma visual e artística.

Matos (2005,p.102) afirma que,

aquele que ouve alguma coisa, alguém fala alguma coisa para ele, ele já está recontando, porque ao ouvir ele criou uma estrutura mental, gravou aquilo, e a partir do momento em que começa a contar ele está nada mais que descrevendo o que está registrado na mente dele.

A transição da narração oral para o contexto teatral implicou em mudanças significativas na forma como as histórias são apresentadas e percebidas pelo público, bem como a dimensão de tal público é alterada. Nesse processo a arte de contar histórias vem ganhando recursos que acompanham a oralidade, elementos tais como: sonoplastia, cenografia, iluminação, figurinos e atuação que transformam a narrativa simples em uma experiência sensorial complexa, ampliando a experiência do espectador.

Brito (2021, p.22) enfatiza que:

É importante que você tenha em vista que a função social primordial da pessoa contadora de histórias – qual seja, a de preservar a memória e difundir as narrativas formadoras de uma comunidade, bem como os saberes nelas contidos –, pode se dar desde a maneira mais informal até a mais especializada, variando de contexto a contexto.

A interação entre narradores, atores e público cria uma dinâmica única, onde a energia emocional e interpretativa transforma histórias antigas em eventos vivos e vibrantes. Vasconcelos (2016, p. 82), ao analisar a experiência da utilização de suas histórias pessoais na composição de *As Três Fiandeiras*, complementa dizendo que:

O ator-contador é um criador e, tendo como parceiro o público-ouvinte como quarto criador, trabalha em conjunto na colagem de suas experiências para a composição de uma obra que parte de uma estrutura fixa, de uma dramaturgia composta para tal fim. Diante do desafio de tecer um texto de teatro com o fio das experiências das pessoas envolvidas no processo criativo, temos que considerar as particularidades que envolvem a proposta estética e política do grupo, a inserção do autor nesse grupo e as contribuições de cada um para a composição da obra.

O uso de técnicas teatrais como o monólogo, a dança, a música e a improvisação elevam o impacto dessas histórias, permitindo que temas universais sejam explorados com ganchos de trajetórias pessoais, de maneiras profundas e inovadoras.

Ao refletirmos sobre a relação entre teatro e narração de histórias, percebemos que ambas são artes que se misturam e podem contribuir uma com a outra, apresentando infinitas possibilidades nessa junção e troca sem que uma limite a outra, mas abrindo horizontes de diálogo no mundo contemporâneo.

No panorama interdisciplinar das artes cênicas, emerge de forma proeminente a interseção entre teatro e narração a partir da prática de diversos atores e atrizes que mesclam técnicas de atuação e narração de histórias do imaginário popular, delineando um terreno fértil para a exploração das dinâmicas narrativas. Assim, é importante pensar sobre a formação teatral no desenvolvimento do narrador de histórias, ressaltando o valor intrínseco da oralidade como agente catalisador na preservação cultural e nas manifestações espetaculares contemporâneas.

A formação teatral, tradicionalmente encarada como alicerce para os artistas cênicos, estende seus braços acolhedores também ao narrador de histórias. Esta sinergia não se restringe apenas à técnica vocal ou expressiva, mas transcende para um domínio mais profundo da narrativa em si. O teatro, enquanto arte do efêmero e da representação, fornece ao narrador uma rica paleta de recursos expressivos, dos quais ele pode se apropriar para enriquecer suas performances narrativas.

No entanto, para além dos recursos expressivos e técnicos, identificamos um narrador por sua capacidade de ouvir, recontar e criar histórias, um processo que tem a oralidade como um veículo essencial na transmissão e preservação das culturas. Como sabe-se, desde os primórdios, as sociedades humanas têm confiado à oralidade o encargo de perpetuar tradições, mitos e memórias coletivas. No âmbito das artes cênicas, essa tradição oral adquire novos contornos, amalgamando-se com as técnicas teatrais para criar experiências sensoriais e emocionais intensamente vivas.

Nesse contexto, a formação teatral emerge como um catalisador para a reinvenção das narrativas tradicionais, dotando-as de novos significados e conexões dentro do panorama cultural contemporâneo.

Figura 2 – Gisele e Renata em cena As Três Fiandeiras



Fonte: Nicolle Machado, 2024. Belém (PA)

Em síntese, a formação teatral desempenha um papel decisivo na capacitação do narrador de histórias, proporcionando-lhe ferramentas expressivas e conceituais para transformar a narrativa em um evento estético e culturalmente significativo. A valorização da oralidade como uma forma de resistência e preservação cultural alimenta a chama da tradição viva, enriquecendo o tecido social através de manifestações espetaculares que transcendem fronteiras temporais e geográficas.

Por sua vez, sob a égide teatral, desenvolvem-se habilidades expressivas que transcendem a oralidade, permeando a construção de personagens, a modulação vocal e a gestualidade, elementos que coalescem para enriquecer a narrativa com uma profundidade emocional e estética singular. Ademais, a instrução teatral proporciona um arcabouço conceitual robusto, fomentando a compreensão crítica das dinâmicas dramáticas e suas potenciais aplicações na apresentação de narrativas multifacetadas.

3.1 O CAMINHO DOS NARRADORES PELAS HISTÓRIAS

A linguagem é o que torna o homem um ser social, histórico e cultural, ela constitui-se em um valioso instrumento que media as relações sociais dos seres humanos com o ambiente em que vive. Ao ouvir histórias, esse sujeito é tocado pelo desejo de conhecer mais sobre o que ouviu. Assim, essas pessoas que contavam histórias durante suas atividades diárias, também são estimuladas a experienciar o mundo pelo que ouvem de outros embaixo de árvores, nas cozinhas, durante os momentos de alimentação e preparo das refeições, em volta delareiras, fogueiras, assim como as crianças são estimuladas a sonhar antes de dormir pelos contos de ninar.

Como dissemos, as histórias eram contadas em diversas ocasiões e em vários locais, ou seja, existem muitas possibilidades para se ouvir uma história. No entanto, é de extrema importância analisar a maneira de transmiti-las.

A oralidade, enquanto um módulo intrínseco da tradição cultural, desvela-se como um mecanismo ressonante de transmissão de conhecimento e identidade coletiva. Este substrato cultural, enraizado na fluência narrativa e na dicção peculiar de cada povo, serve não apenas como um testemunho vívido do passado, mas também como um espelho reflexivo das transformações sociais e históricas ao longo do tempo. Assim, a oralidade configura-se não somente como um veículo de preservação da memória cultural, mas também como um elo unificador que vincula as gerações passadas, presentes e futuras através da ressonância das narrativas compartilhadas.

Para Bâ (2010, p.169)

A tradição oral baseia - se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo. Para situa - lá melhor no contexto global, antes de estudá-la em seus vários aspectos devemos, portanto, retomar ao próprio mistério da criação do homem e da instauração primordial da Palavra: o mistério tal como ela o revela e do qual emana.

A transição da narração oral para o contexto teatral implica em mudanças significativas na forma como as histórias são apresentadas e percebidas pelo público, bem como a dimensão de tal público é alterada. Elementos como sonoplastia, cenografia, iluminação, figurinos e atuação transformam a narrativa simples em uma experiência sensorial complexa. A adaptação para o palco muitas vezes requer a criação de diálogos, a incorporação de movimentos coreografados e a utilização de recursos audiovisuais que ampliam e enriquecem a experiência do espectador.

Brito(2021, p.22) enfatiza que:

É importante que você tenha em vista que a função social primordial da pessoa contadora de histórias – qual seja, a de preservar a memória e difundir as narrativas formadoras de uma comunidade, bem como os saberes nelas contidos –, pode se dar desde a maneira mais informal até a mais especializada, variando de contexto a contexto.

Ao migrar para os palcos, a narração de histórias ganha um novo aspecto espetacular. A interação entre narradores, atores e público cria uma dinâmica única, onde a energia emocional e interpretativa transforma histórias antigas em eventos vivos e vibrantes. Vasconcelos (2016, p. 82), ao analisar a experiência da utilização de suas histórias pessoais na composição de *As Três Fiandeiras*, complementa dizendo que:

O ator-contador é um criador e, tendo como parceiro o público-ouvinte como quarto criador, trabalha em conjunto na colagem de suas experiências para a composição de uma obra que parte de uma estrutura fixa, de uma dramaturgia composta para tal fim. Diante do desafio de tecer um texto de teatro com o fio das experiências das pessoas envolvidas no processo criativo, temos que considerar as particularidades que envolvem a proposta estética e política do grupo, a inserção do autor nesse grupo e as contribuições de cada um para a composição da obra.

O uso de técnicas teatrais como o monólogo, a dança, a música e a improvisação elevam o impacto dessas histórias, permitindo que temas universais sejam explorados com ganchos de trajetórias pessoais, de maneiras profundas e inovadoras.

3.2 O CAMINHO DAS NARRADORAS DE AS TRÊS FIANDEIRAS

Como vimos a formação do narrador se dá também por meio das experiências de escuta, sobretudo as da infância, sejam elas passadas pelos pais, avós ou mesmo por meio da literatura e outras influências. Esse caminho cria memórias e influencia diretamente no processo criativo de um narrador de histórias.

A esse respeito, Gisele Vasconcelos relata que:

“Minha formação veio a partir das coisas que eu escutava, como o Disquinho na época, que era uma coleção que nós tínhamos quando eu era criança, era um disquinho que tinha coleção de várias lendas, histórias e contos e contos de fadas. “Essa coleção me influenciou muito, tanto que eu tenho muitas imagens sonoras desse período. E a Bia Bedran, um programa que ela fez na TV Brasil. Estas foram minhas maiores referências, eu não sou do saber passado de pai pra filho, de mãe pra filha. Sou realmente uma contadora de história que tá mais relacionada a esse saber que vem da literatura, que vem do teatro”

Ainda que a tradição da contação familiar não se faça presente, uma base educacional sólida, que inclui conhecimento e apreciação pela literatura infantil e tradicional, podem ser via para o desenvolvimento da imaginação e repertório desde a infância.

Entretanto, a entrevistada Renata Figueiredo nos faz outro relato de seu processo formativo, que ocorreu na fase adulta, e foi mediada por outras experiências, como nos conta:

“O meu processo de formação como contadora de histórias começou quando eu era da companhia Tapete Criações Cênicas junto com a Gisele Vasconcelos. A gente estava montando um espetáculo chamado Iaú, Caminhos dos Mistérios, e Gisele, que já tinha uma oficina organizada de narração de histórias, aplicou essa oficina de histórias conosco. Então montamos histórias de orixás e logo depois a tivemos um trabalho no shopping São Luís, onde fomos convidados a montar histórias de duendes, gnomos e fadas. Foi aí que eu comecei a contar a história profissionalmente, nesse momento também comecei a fazer todas as oficinas e isso já tem mais de 20 anos.”

A atriz levanta nesse momento a importância do teatro e do convívio em grupo para uma formação que é transmitida membro a membro e imediatamente experienciada no campo prático. Além disso, observamos a relação com o público como campo da aprendizagem contínua, todos esses aspectos podem ser tão férteis como a educação formal.

Durante a entrevista, a atriz Rosa Ewerton afirma que não se considera uma narradora de histórias e sim uma aprendiz. Dessa forma, fez-se necessária a alteração das perguntas, de modo a entender como esse aprendizado se dá e no que ele é empregado. Assim, percebemos outra trilha de narração que se valida não diretamente em sessões de contação de histórias, mas como técnica de atuação.

“Não sou uma contadora de histórias formada, conto histórias eventualmente, juntos às contadoras do Xama Teatro, que é meu grupo. Mas não me aprofundi nessa pesquisa, portanto, não me considero apta a responder aos teus questionamentos. Eu, no máximo, sou uma aprendiz, ainda. Quando cheguei no grupo, a Renata e a Gisele (essas, sim, professoras e contadoras por formação), já estavam nessa estrada há muito tempo. Entretanto, sou atriz, e essa é minha profissão a mais de 40 anos”.

A atriz demonstra a humildade necessária para reconhecer a complexidade e o tempo onde se constrói um narrador, especialmente na experiência de lidar com diversos públicos, incluindo crianças.

A partir desse recorte da entrevista percebemos que as atrizes apresentam influências da prática de narração em diferentes etapas da vida, assim como desenvolveram suas habilidades em diferentes campos, ou seja, os esforços de criação e prática com o público são fundamentais para a narração de histórias no campo espetacular. A entrevista ilustra como diferentes formas de aprendizado e experiência podem se complementar para enriquecer a prática artística e formar o repertório técnico e sensível de uma atriz.

Figura 3 – Rosa em As Três Fiandeiras



Fonte: Nicolle Machado, 2024. Belém(PA)

Ao procurar entender sobre a recriação de histórias e formação do repertório, obtive respostas também sobre como esse processo influenciou na prática teatral das entrevistadas no sentido de criação de personagens, como conta a atriz Gisele Vasconcelos:

“No processo criativo, com o teatro fui desenvolvendo principalmente a figura da atriz contadora, uma atriz que conta, fala, canta e que reveza a primeira pessoa, a terceira pessoa, o personagem ficcional com a própria pessoa. Mistura real e ficção, passado, presente e futuro. Faz uso de linguagens distintas, como linguagem épica, dramática e lírica. Então, esse contador de história, essa arte de narrar, foi me impulsionando também para essa criação e esse processo criativo. É muito importante que o contador de história traga para o processo criativo em teatro o estudo de texto, dividir o texto em partes, reconhecer o perfil dos personagens, reconhecer e compreender as ações da história e isso foi também de grande valia por um processo teatral.”

Esse aspecto do estudo de texto inerente ao Narrador, é confirmado por Café (2015,p.194), que complementa:

Para se contar uma história, se faz necessário conhecer profundamente o texto, a ponto de dominá-lo como se ele fosse seu, mais do que, simplesmente, aprender as palavras que o compõe, em sua linearidade e entendimento. As experiências das oficinas para contadores de histórias me mostraram que ler, de várias maneiras diferentes, com objetivos, dinâmicas e exercícios variados, amplia a compreensão da leitura e, conseqüentemente, influencia positivamente a narração.

Ainda com relação a recriação de histórias e formação de repertório Renata Figueiredo nos relatou o seguinte:

“Geralmente eu escuto histórias que me interessam, que eu achobonitas, então eu monto, ou eu recebo encomendas, ou leio alguma história que me chama a atenção. Acho que eu recebo de encomendas, mas geralmente eu não fico com elas, eu conto às vezes uma vez só, mas as que eu conto são histórias que chegaram para mim de várias formas, gosto muito de montar histórias que eu escuto, eu tenho essa coisa do ouvido, mas eu também já montei histórias que eu li, enfim, vem de várias formas, depende, mas as histórias que ficam para mim geralmente são histórias que mexem comigo, que me dizem coisas que eu quero dizer também, as vezes eu, por exemplo, do livro Mulheres que Correm com Lobos, eu já montei algumas histórias que eu li, isso varia bastante.”

Cada narrador desenvolve suas habilidades de contar histórias a partir de experiências, leituras, vivências e interesses próprios, a partir do que ouvem e que julgam interessantes.

Em relação a mesma pergunta Rosa Ewerton destaca a responsabilidade do(a) narrador(a) de histórias, afirmando que o mesmo deve estar em constante formação, especialmente quando o público for formado por crianças, como se observa em sua resposta:

“O ofício de Narradora de histórias é algo de suma importância e responsabilidade, por isso, resisto em me declarar uma narradora formada. É um aprendizado constante e necessário, visto que a narradora vai lidar com públicos os mais diversos, mas principalmente com o público infantil, o que torna o ato de narrar absolutamente delicado, que deve ser tratado com total delicadeza e respeito. Trata-se de preparar um terreno muito maleável, que é a percepção da criança, para questões importantes da vida, em vários âmbitos como, por exemplo, a ética, o amor e o respeito ao próximo, que passam por temas relacionados ao racismo, diversidade de crenças, de sexo e os mais variados assuntos. Tudo isso sem perder a ludicidade, a alegria, a música. E sem apelar para os moralismos fáceis, que mais enganam do que proporcionam aprendizado.”

Figura 4 – Gisele, Renata e Rosa em cena inicial do espetáculo As Três Fiandeiras



Fonte: Nicolle Machado, 2024. Belém (PA)

Quanto a escolha dos repertórios dos narradores de histórias, o que observamos nas respostas das entrevistadas é que essas escolhas são em sua maioria compostas e construídas permanentemente, seja através dos recursos da oralidade, seja a partir de escutas e trocando impressões sobre histórias com outros contadores.

Outras narrativas e outros textos orais acabam sendo incorporados em seus repertórios por meio da leitura de livros, de histórias contadas por outras pessoas, além de suas experiências pessoais. Através dessas interações informais surgem novos contos, histórias entre outros textos orais conhecidos.

Sobre esse aspecto, Matos (2005, p.126) diz que:

A construção de um repertório é tarefa importante para os novos contadores. Das fontes orais aos livros, levando em consideração a questão da cultura, e até as “encomendas”, há no entanto um critério: conto e contador precisam estar afinados, e isso significa que o contador só pode contar bem um conto que esteja em sintonia com sua própria trajetória. Como diz muito bem Roberto de Freitas: “Eu só conto uma história quando essa história me toca, quando ela me diz algo, quando ela me significa algo”.

Ao ouvir histórias os sujeitos enriquecem mais ainda seus repertórios uma vez que associam suas vivências, ao que é contado e integram de alguma forma tais informações ao meio social no qual estão inseridos, logo, esses sujeitos passam a se sentir integrados na sociedade.

As histórias, se apresentam de muitas formas, por vezes como exemplos para a resolução de alguma situação, despertando assim a vontade de buscar novos tipos de resolução, por meio de debates, conversar e trocas de modo geral.

Ao narrar histórias é de extrema importância criar, enfatizar o lúdico, explorar os recursos disponíveis e principalmente vivenciar a história que está sendo narrada, envolvendo os ouvintes para o mundo da referida história.

Ao buscar saber sobre como as atrizes tem contribuído para a formação de outros narradores(as), quais os principais temas por elas abordados nessas formações e as metodologias utilizadas nesses momentos formativos a atriz Gisele Vasconcelos trouxe a seguinte resposta:

“A minha contribuição como formadora de contadoras histórias é muito grande, porque eu comecei em 2003 e já em 2001, a ministrar oficina de formação de contadores na editora Paulinas, e a partir daí não parei mais de dar oficina de contador e tenho hoje muitos depoimentos. A Jô Peteleco, a Marluce, o mais recente grupo de narração que é a *Na raiz*, que é com a Sofia, a Mariana e a Nicole, tem um mundo de contadores, a Camila Reis, então várias dessas contadoras atuais fizeram oficinas ou tiveram a minha experiência como referência para que hoje elas estejam atuando no mercado como contadoras de histórias.

Bem, o processo de escolha, ele é muito pessoal, sobre essas escolhas, costumamos dizer que as histórias nos escolhem, é um processo contínuo e mútuo, então a gente acredita muito que as histórias estão ali para serem contadas e narradas também por nós, então é sempre essa relação que você tem pra mim e que eu tenho pra você.

Como eu tenho público infantil na parte de narração de história, especificamente nessa área, eu acabo escolhendo histórias infantis, e gosto muito de histórias acumulativas que dão uma possibilidade de brincadeira com ritmo e sempre parto da literatura escrita ou das nossas histórias que são nossas lendas, então assim, às vezes eu não sou muito de contar o que eu escutei, mas sim contar aquela história. Que eu estudei e que eu brinquei com ela e daí eu vou contar.”

A atriz conta com ampla experiência na narração de histórias, sua vivência na área já ultrapassa os vinte anos de atuação e além de ministrar diversas oficinas, participar de espetáculos, tornou-se referência nessa área tanto junto ao público adulto como infantil em São Luís, além disso, tem se destacado como pesquisadora atuante na temática.

Renata Figueiredo, destaca que já realizou diversas formações tanto a nível estadual como nacional, o que evidencia também uma ampla experiência tanto na ministração de oficinas quanto na narração de histórias e atuação em diversos espetáculos, como demonstrado em sua resposta:

“Acredito que colaboramos bastante, porque eu, por exemplo, ministro muitas oficinas, já dei oficina em várias cidades do Maranhão, do Brasil, quando fizemos o palco giratório ministramos oficina de narração de história em todos os estados do Brasil, então creio que aí se dá nossa contribuição. Além disso buscamos expandir a arte, de contar histórias, não só ministrando oficinas, como também nos apresentando e encorajando pessoas a contarem histórias também. Quanto aos temas são muito variados, são contos de fadas, não tenho um tema específico, gosto de histórias que combinem com coisas que eu acredito, se for uma história que não tem a ver com a minha filosofia de vida eu não conto, mas seria meio difícil assim de eu dizer quais são os temas que eu gosto. Gosto de empoderamento feminino, de histórias que são só brincadeira, as de dá risada, tem muitos temas, é difícil delimitar. Bem, a metodologia que utilizamos é brincar com a história, primeiro escolhemos uma história, então a escolha já entra nesse processo metodológico, depois estudamos essa história, os elementos dessa história. Narrador, personagem, fazemos um estudo da personalidade de cada personagem, do que acontece na história, fazemos o esqueleto das ações, lista de imagens, com as características, em seguida vamos brincar com essa história. Iniciamos cantando, e vamos buscando encontrar o ritmo dessa história, as vezes, precisamos desenhar a história, fazer algum trabalho que seja alguma atualidade relacionada a história e depois montamos a história para contar. Então o nosso trabalho envolve a experiência direta. Quem faz a oficina de narração de história do Xama Teatro, a pessoa vai ter realmente a experiência de montar uma história para contar.”

Rosa Ewerton, também conta com vasta experiência especialmente no teatro, onde se deu sua formação, a mesma atuou em espetáculos de dança e musicais, tendo realizado diversos trabalhos com atrizes e atores renomados do teatro em São Luís, como bem destaca em sua resposta.:

“Ah, sim, isso posso. Acho que quanto mais cursos/oficinas, melhor. A demanda de alunos até que é boa, mas ainda não é suficiente para se oferecer oficinas permanentes, acho. Airton, eu faço teatro desde 1979, quando tinha 15 anos. De lá pra cá, me formei fazendo cursos livres e oficinas com mestres do teatro, como Reynaldo Faray, Aldo Leite, Bill de Jesus, Urias de Oliveira e vários outros e outras, para ficar nos maranhenses. Mas também estudei com muitos mestres do resto do Brasil e até de fora. Levaria muito tempo citando todos os que contribuíram para minha formação, que se deu totalmente fora do âmbito acadêmico, por pura escolha minha. Participei de vários grupos (de alguns fui fundadora) e de muitos espetáculos de teatro, dança teatro, musical, performances etc. Sobre narração de história, minha formação ainda está no começo. Já fiz oficinas com Renata Figueiredo e com algumas mestras que vieram de fora do estado, também. Participei

de algumas narrações, junto com a Renata e, algumas vezes, já me atrevi a narrar sozinha A Renata oferece, todos os anos oficinas que acontecem na sede do Xama Teatro, por exemplo.”

Outro ponto abordado na entrevista diz respeito às características e habilidades que as mesmas consideram essenciais para a formação de um narrador de histórias.

Sobre isso Gisele Vasconcelos nos revela que:

“Em relação às habilidades, dizemos que o contador de história, possui alguns elementos, que são os elementos dessa atriz narradora, que é corpo-voz, pique-ritmo, emoção e imaginação. Então juntando esses elementos e trabalhando, colocando essas ferramentas afiadas, temos um processo de formação, de criação, de experiência para essa atriz narradora.”

Nesse sentido, a atriz Renata Figueiredo, acredita que a comunicação não só pela fala, mas pela gestualidade, é o que marca um narrador, características que só se desenvolvem na experiência de gostar de uma história.

“Acho que a habilidade de gostar de contar a história, de fazer com amor. Todas as pessoas já são contadoras de histórias. Nós somos seres que contam histórias, somos seres que escutamos histórias. Então, a habilidade é essa de querer, de ter o desejo de amar e de poder se comunicar, seja através da fala, seja através da gestualidade. Todos nós que temos um corpo, que estamos encarnados no corpo físico, temos a capacidade de contar a história. Basta querer e fazer com amor. Eu acho essa pergunta, habilidades essenciais, é essa, querer contar histórias, amar, fazer com amor.”

Em sua Tese de doutorado, onde desenvolve a figura da ator-contador, Vasconcelos(2016, p.119) revela que:

A narração dessas histórias requer uma aproximação física dos atores- contadores com o público-ouvinte. Por isso, é condição de sua manifestação o uso de espaços que possibilitam o contato com o público da maneira mais próxima, sem a parede ilusória que os divide. A aproximação da plateia é motivada pela presença corporal que sela uma relação de afeto. É o convite à fantasia e ao prazer da escuta que aproxima o ator-contador do seu público, ou o público dos atores. Quem não abre os ouvidos e arregala os olhos diante de uma boa história?

Figura – 5 Gisele, Renata e Rosa em As Três Fiandeiras



Fonte: Nicolle Machado, 2024. Belém(PA)

Por muito tempo, as histórias eram narradas em forma de conversas, um tipo de passatempo entre membros da família e amigos, em suas casas ou comunidades, que se constituía em um instrumento usado para passar informações através do tempo.

Desse modo, narrar histórias se constitui em técnica que nos remete a figura ancestral, que ao redor do fogo, ou ao pé da cama, narrava histórias para quem quisesse ouvir, contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade.

Machado (2004,p.15) relembra que:

Os contos milenares são guardiães de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetos de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (...) A escuta e a leitura de contos tradicionais podem nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo possibilidades para que as questões estejam enraizadas no sentido de perguntar.

Figura 6 – Gisele Vascelos em cena de As Três Fiandeiras



Fonte: Nicolle Machado,2024. Belém (PA)

Benjamin (1994), ao discorrer sobre o narrador, tece várias considerações que nos permitem refletir sobre a importância de uma das mais antigas formas de expressão popular: o ato de narrar. Para ele, a narrativa é uma experiência acumulada ao longo das vivências, e tem como matéria- prima o que se pode recolher da tradição oral.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Na concepção do autor, narrar é intercambiar experiências, é tecer um fio que se alimenta diariamente nos fios da memória, perfazendo uma rede construída com o tempo, como no trabalho manual, ou seja, ele considera a arte de narrar uma forma artesanal de comunicação.

4 CAMPOS DE ATUAÇÃO DO NARRADOR DE HISTÓRIAS

Ao questionar de que forma histórias simples ganham o aspecto espetacular nos palcos, passamos pelo caminho de investigar como a arte de narrar histórias presencialmente continua a ser relevante, poderosa e significativa em um mundo cada vez mais dominado por mídias visuais e digitais. A integração entre tradição e inovação nos leva a refletir sobre o papel duradouro e transformador da narrativa na construção de identidades individuais e coletivas.

Durante esta pesquisa, busquei não apenas explorar a evolução da contação de histórias, mas também celebrar sua capacidade de conectar pessoas através do tempo e do espaço, destacando seu valor como uma forma de arte fundamental na expressão e preservação da diversidade cultural global.

Segundo Benjamin(1994), o narrador tradicional é alguém que acumula experiências ao longo da vida, experiências essas que não são apenas eventos isolados, mas que incorporam o contexto social, cultural e histórico em que ocorreram. Essas experiências são fundamentais para a formação das narrativas que o narrador compartilha com seu público.

Assim, o campo de atuação do narrador está intimamente ligado às suas vivências pessoais e à forma como ele interpreta e transmite essas experiências através da narrativa. O autor destaca que o narrador não apenas relata eventos passados, mas também interpreta esses eventos à luz das memórias compartilhadas com sua audiência. As memórias não são estáticas, mas dinâmicas, moldadas pelas interações contínuas entre o narrador e seu público ao longo do tempo. Essa interação fortalece o vínculo entre o narrador e sua comunidade, permitindo que as histórias contadas sejam continuamente reinterpretadas e renovadas.

Benjamin(1994), nos revela que a autenticidade do narrador reside na sua capacidade de articular uma verdade essencial sobre a condição humana através das histórias que o narrador conta. Essa autoridade narrativa não deriva apenas da habilidade técnica, mas da profundidade das experiências pessoais que informam suas narrativas. Assim, a conexão entre experiências de vida, memória e a prática narrativa é central para compreender como o narrador influencia e é influenciado pelo campo em que atua.

Portanto, ao considerar os campos de atuação e a influência do narrador, é crucial examinar como suas experiências de vida e memória não apenas enriquecem as narrativas que compartilham, mas também moldam a maneira como essas histórias são recebidas e interpretadas por suas audiências, refletindo assim a complexidade da relação entre narrador, experiência vivida e cultura.

Relacionar os campos de atuação e a influência do narrador, vinculando isso às experiências de vida e memória, pode ser entendido à luz das ideias de Walter Benjamin sobre a narrativa e a experiência vivida, especialmente em seu ensaio “O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov.

O campo de atuação do narrador se expande por diferentes contextos culturais e sociais, refletindo desse modo as diversas maneiras pelas quais as histórias são moldadas e passam a ser transmitidas em diferentes comunidades, para diversos públicos. Desde contadores de histórias em tradições orais até narradores contemporâneos em palcos teatrais ou em mídias digitais, cada contexto influencia a forma como as experiências de vida são integradas às narrativas e como essas narrativas são recebidas pelo público.

Desse modo entendemos que a narração, especialmente a desenvolvida nos palcos é sem dúvidas um poderoso instrumento para perpetuação de elementos culturais e pode abrir espaço importante para discussão de temáticas atuais sobretudo no âmbito educacional. Uma vez que percebemos a importância da oralidade para o melhor desenvolvimento e ampliação da criticidade de crianças e adolescentes sobre questões de relevância na sociedade, entendemos como os narradores de histórias, sejam no convívio social ou nas manifestações espetaculares, como o Teatro, desempenham um papel importante no processo social e cultural de registro, memória e criação.

REFERÊNCIAS

BÂ, AMADOU HAMPÂTÉ. In: História geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.p.167-212.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRITO, Nayara Macedo Barbosa de. **Contaço de história: criação de narrativas e oralidade**. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2021.77 p. Disponível em: < <https://zlibrary.cc/dl/contacao-de-historia-criacao-de-narrativas-e-oralidade> >. Acesso em: 15 ago. 2024.

CAFÉ, A. B. **Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto de Artes (PPG-IDA), Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DLC, 2004.

MATIAS, Lígia Borges. “O valor da narrativa na pós-modernidade”. In: TERNÓ, Giuliano (org). **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática**. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. p.71-88.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VASCONCELOS, Gisele. **Ator contador: a voz fala, canta e conta nos espetáculos do Grupo Xama Teatro**. 2016. 205p. Dissertação (Doutorado em Artes Cênicas. Universidade de São Paulo, SP. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bilro/>> Acesso em: 29 ago.2024.

APÊNDICES

ENTREVISTA

Perguntas para as atrizes Gisele Vasconcelos e Renata Figueiredo:

- 1) Como foi o seu processo de formação como contadora de histórias é como isso influencia seu processo criativo no teatro?
- 2) Qual é a relação entre suas experiências e a construção de repertório na arte da narração/contação de histórias? Como você as relaciona e qual é o critério utilizado na escolha dessas narrativas?
- 3) Você tem contribuído para a formação de outros contadores/narradores? Se sim, quais são os principais temas abordados nessa formação e quais as metodologias que você emprega?
- 4) Quais características e habilidades você considera essenciais para a formação de um narrador/contador de histórias?

Perguntas para a atriz Rosa Ewerton:

- 1) Como foi seu processo de formação como contadora/narradora de histórias é como isso influencia seu processo criativo no teatro?
- 2) E como aprendiz você não tem nada a declarar sobre a experiência?
- 3) Rosa você tá buscando onde fonte de estudo na área de narradora/contadora de histórias dentro do grupo Xama teatro ou em cursos pode me falar um pouco onde você tá buscando esse aprendizado?